

4. **Diálogos Possíveis: construindo os caminhos para a História Oral**

Ao agir, o homem faz transformações, quem não age, não é.

(Antônio Grimm)

Esta dissertação se utiliza da abordagem qualitativa, porque a mesma permite a elaboração de meios e estratégias para o Serviço Social, bem como para os estudos de identidade de gênero. Da mesma forma que a história oral é ferramenta da pesquisa qualitativa, a metodologia de história de vida está intrinsecamente ligada a ela.

Assim sendo, a História Oral, torna-se mais importante na medida em que faz parte de uma metodologia de pesquisa que busca valorizar, através dos sujeitos, a individualidade, a compreensão de uma determinada realidade dentro de um contexto histórico. Segundo Silva, a história oral:

Enquanto método qualitativo de coleta e análise dos dados, confere centralidade ao que os agentes sociais comunicam, compreendendo estes elementos como fundamentais para a reconstrução, compreensão e explicação de processos sócio-históricos. (Silva, 1999, p. 116)

O autor diferencia em dois tipos as histórias orais:

[...] histórias de vida quando o objeto de estudo exige a reconstrução do conjunto da trajetória dos entrevistados e as histórias temáticas quando o objeto de estudo exige a focalização em temas que fazem parte da trajetória dos entrevistados (Silva, 1999, p. 119).

O autor insiste na importância de um referencial teórico para orientar a investigação, para que os dados coletados não sejam apenas descrições dos relatos dos entrevistados. Assim sendo:

A História Oral pressupõe referenciais teóricos que balizem e conduzam os relatos no sentido da produção de “dados” capazes de responder aos problemas teoricamente construídos (Silva, 1999, p. 123).

A análise desse processo deve ter o compromisso “da escuta, saber ouvir” dos principais sujeitos envolvidos. Buscamos respeitar e dar concretude a este

movimento que pode ser materializado pela fala de quem foi, e ainda é o protagonista desta construção. Assim, os relatos desses sujeitos são fundamentais para análise. Partimos das narrativas das travestis e transexuais, e a história oral surgiu como metodologia apropriada para dar conta desse processo. A partir das falas, pretendeu-se a apreensão das experiências cotidianas: escolhas, interesses, dinâmicas, relações familiares, confrontos perpassados pelo tempo e espaço.

Com as narrativas desses sujeitos é possível para o conhecimento através da fala e da ação, como mostra Martinelli (1999, p. 22), “cada pesquisa é única, pois se o sujeito é singular, conhecê-lo significa ouvi-lo, escutá-lo, permitir-lhe que se revele. E onde o sujeito se revela? No discurso e na ação”.

4.1. História Oral

Narrar é a faculdade de
intercambiar experiência.

(Walter Benjamin)

Ao empregar-se a História Oral como fonte de informação, os relatos dos sujeitos tornam-se elementos imprescindíveis para composição desta pesquisa.

A utilização da História Oral tem início a partir dos anos, 1912 a 1920, quando segundo Meihy (1996), na escola de Chicago, EUA elaborou-se regras capazes de dar credibilidade às histórias de vida.

Assim, a história oral surgiu para valorizar as memórias de indivíduos, resgatando a tradição oral e buscando a variante de experiências vividas por atores sociais que a *história tradicional* deixou à margem.

Os sujeitos tornam-se fontes vivas e a parte essencial para o pesquisador, que esforçar-se em construir através da investigação ao método, a possibilidade de edificar um novo entendimento. Neste sentido, Portelli (1997), afirma que cada pessoa é um amálgama, de grande número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos eminentes, contornados e pouco evitados. Contudo, cada entrevista converte-se em um momento único, por ser diferente de todas as outras entrevistas que o pesquisador já realizou, considerando a individualidade de cada sujeito.

Portelli (2000) em seu artigo apresenta como desafios para a história oral no século XXI, exatamente o resgate da memória, abrindo espaços para a diversidade e a democratização da informação, propondo o diálogo na busca pela igualdade e o respeito ao direito das pessoas falarem o que quiserem.

Trabalhar com História Oral possibilita colher depoimentos relacionados à história de vida dos sujeitos, suas experiências pessoais e profissionais. A metodologia prioriza a centralidade do sujeito: é a possibilidade, segundo Portelli (2000, p. 67), de estabelecer um lugar de onde os sujeitos possam ser ouvidos partindo de suas experiências.

Há necessidade de se trabalhar com a História Oral como instrumento de compreensão do universo das travestis e transexuais e para o entendimento do contexto histórico, na tentativa de reconstruir modelos, pois:

A História Oral tende a repensar a realidade não tanto com um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou uma colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém formam um todo coerente depois de reunidos. (PerelMutter & Antonacci, 1997, p. 16).

Proporciona-se, através da História Oral, a construção da história de vida das travestis e transexuais pelo olhar daquelas que durante sua caminhada, foram esquecidas, ou seja, discriminadas pela sociedade. Acredita-se na importância de cada indivíduo com suas vivências e memórias para edificar uma nova história.

Esta construção da História Oral permite perceber de perto os processos que mediaram o acesso das travestis e transexuais às políticas sociais, em especial a de Assistência Social e à política de saúde. Resgatar estes processos não produz dados atuais, mas que se refletem nos dias atuais, o que torna o passado e o presente muito próximos, já que a desigualdade e exclusão que esse segmento sofre permeiam na sociedade. Com afirma Meihy,

[...] como pressuposto, a História Oral implica na percepção do passado como algo com continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão do ser da História Oral. (Meihy, 1996, p. 09)

Meihy (2000), em seus estudos, ressalta a importância da história oral como tom político, à medida que ela dá o direito à voz àqueles que não são ouvidos e que deveriam ser, já que para o autor esta é a única forma de proporcionarmos

uma mudança política a começar por ajudar a entender melhor a nossa própria sociedade. Além disso, o autor, prezando a democracia através do direito a voz a todos os sujeitos, aponta para a importância dos estudos e pesquisas em história oral que reafirmem as identidades de grupos excluídos pela sociedade.

Através da História Oral, percorremos o caminho das vivências de cada sujeito, nesse caso, as entrevistas levam à compreensão da constituição dos fatos através de um novo olhar e, ao mesmo tempo, busca-se elementos da memória para o entendimento de uma realidade. Com isso, permite-se a compreensão de que essas vivências dos sujeitos fizeram-se presentes nas falas através dos seus relatos.

Segundo Queiroz, a coleta dos dados orais se dá através da entrevista, sendo esta um diálogo entre pesquisador e informante sobre um tema escolhido pelo pesquisador. Este dirige a entrevista e o informante discorre sobre o tema; o que experienciou, vivenciou, enfim as informações preciosas sobre o mesmo, e o pesquisador evita o que é desnecessário. Para a autora, história de vida e depoimentos orais são formas orais de captar informações. A história de vida é uma técnica em que o entrevistado relata as experiências de sua vida que considera significativas, sendo mínima a interferência do pesquisador. Com relação ao depoimento, o pesquisador conduz a entrevista no sentido de canalizá-la para os aspectos que lhe interessam, ou seja, “acontecimentos que venham a se inserir diretamente no trabalho e a escolha é unicamente efetuada com este critério” (Queiroz, 1988, p. 21).

Dessa forma, enquanto ferramenta de captação, a entrevista é comum na construção de narrativas por parte de pesquisadores que utilizam o método de história de vida.

A História Oral possibilita através das entrevistas, das narrativas de histórias de vida, das coletas da tradição oral, formar documentos sólidos capazes de “[...] permitir que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis – isto é, que se reconheça, neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato” (Alberti, 2004, p. 09).

A história de vida, ou dos depoimentos orais como recurso metodológico de pesquisa, se ocupa em conhecer e aprofundar conhecimentos sobre determinada realidade, recuperando experiências de vida obtidas através de conversas com pessoas, por meio de entrevistas que, ao focalizarem lembranças pessoais,

constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória de um grupo social, de um sujeito na pesquisa, ponderando esses fatos pela importância em suas vidas.

Essa possibilidade metodológica possibilita ao pesquisador romper com o encerramento acadêmico que transforma a entrevista em simples suporte documental, pois os depoimentos podem ser aprofundados levando-se em conta os propósitos dos estudos que deseja realizar.

Como sintetiza Alberti, [...] a riqueza inesgotável do depoimento oral em si mesmo, como fonte não apenas informativa, mas, sobretudo, como instrumento de compreensão mais ampla e globalizante do significado da ação humana; de suas relações com a sociedade organizada, com as redes de sociabilidade, com o poder e o contra-poder existentes, e com os processos macro-culturais que constituem o ambiente dentro do qual se movem os atores e os personagens deste grande drama ininterrupto – sempre mal decifrado, que é a História Humana (Alberti, 1990, p. 8).

Outro ponto instigante que me fez optar pela metodologia de História Oral, foi a possibilidade do diálogo: é necessário que falemos uns com os outros para que a História Oral se efetive e, ao buscar o diálogo, busquemos igualdade, porque “não há diálogo sem igualdade” (Portelli, 2000, p. 70). Igualdade na diversidade, pois o pesquisador tem objetivos claros ao eleger os sujeitos, assim como os sujeitos conhecem de maneira específica o assunto abordado pelo pesquisador.

Este diálogo teve por referência um roteiro para nos guiar, construído a partir dos eixos desta pesquisa.

- ✓ *História de Vida;*
- ✓ *Mundo do trabalho;*
- ✓ *Direitos e Seguridade Social.*

Cabe ressaltar que o clima construído na entrevista permitiu que o roteiro se concretizasse sem perguntas prévias, apenas instigadoras para o diálogo interativo, o que é próprio da metodologia de História Oral.

As entrevistas foram gravadas em áudio, com o auxílio de um gravador. Em seguida foi realizada sua transcrição na íntegra, o que a torna um novo tipo de documento, e segundo Queiroz (1983, p. 86) como:

(...) documento escrito, sua especificidade estará em ser confrontado com a matriz (a gravação) todas as vezes que necessário, o que não sucede com questionários, nem documentos históricos. Como documento escrito não dispensa o cotejo com outros tipos de documentos

O gravador foi usado em todos os casos, na medida em que houve autorização e consentimento livre e esclarecido por parte das entrevistadas¹.

Sobre esse documento, iniciei a análise das narrativas, passando para uma nova fase do trabalho de pesquisador. Cabe assinalar que esses depoimentos foram editados, a fim de garantir uma melhor interação do pesquisador com as narrativas trazidas pelos sujeitos, mas sem perder o que na íntegra me foi relatado.

A análise na metodologia de História Oral se apresenta como “processo de visão, interpretação e, em conseqüência, de mudança [...], pois recordar e contar já é interpretar [...]” (Portelli, 1996, p. 66).

Para chegar a uma análise mais clara das qualidades, considerando o objetivo proposto, foram estabelecidos sub-itens a fim de reordenar os diálogos, permitindo que fosse construído um texto buscando um ordenamento de idéias, preservando assim sua originalidade. Procura-se, dessa forma, reescrever a entrevista como se o próprio entrevistado estivesse escrevendo, dizendo, ou ainda, dialogando.

4.1.1. Os sujeitos da pesquisa

O narrador é o homem que poderia deixar
a luz tênue de sua narração consumir
completamente a mecha de sua vida.

(Walter Benjamin)

Os sujeitos da pesquisa são travestis e parentes de travestis de camadas populares da cidade do Rio de Janeiro/RJ, tomando-se o contexto contemporâneo.

¹ Opto por nominar como “entrevistadas”, no gênero feminino. Porque as entrevistadas se identificam no gênero feminino. Portanto foi uma opção de ambas as partes.

Quanto ao período da pesquisa, esta teve início no segundo semestre de 2009, mais precisamente no mês de setembro.

Assim vou apresentar os sujeitos um a um, de acordo com as entrevistas e por meio da história oral, e cujas trajetórias de vida explicitaram uma cultura marcada por preconceito, violência e discriminação. São elas: Lorna Washington, Giselle Kuzattis, Selen Ravache e Renata.

Tendo em vista tais elementos e uma preocupação e respeito gigantescos em relação às personagens dessa investigação, esclareço que por comprometimento ético, os nomes usados nas entrevistas são os nomes sociais, ou seja, aqueles que elas se identificam. A negociação foi efetuada de ambas as partes, as entrevistas não se opuseram e reforçaram o uso dos nomes sociais.

Uma travesti, duas transexuais e um “gay” compõem o universo da pesquisa, sendo que uma travesti chama-se Giselle, duas transexuais (chamam-se, Sellen e Renata) e o “gay” é a Lorna.

Todas as entrevistadas se identificaram pelo nome feminino. Segundo elas, é mais comum que as chamem assim e é o que elas esperam.

Lorna, apesar de não se identificar a partir da identidade de gênero travesti e sim a partir da orientação sexual homossexual, foi entrevistada, por ser parte do processo dessa dissertação e também, por se travestir de mulher nos seus espetáculos, conhecendo o cotidiano das travestis.

Giselle, Lorna e Sellen participam do Grupo *Transrevolução* do Grupo Pela Vidda, esta última, uma instituição que trabalhava com pessoas vivendo e convivendo com HIV/AIDS. Além delas, entrevistei uma transexual que trabalha numa rede de supermercados do Rio de Janeiro.

Apesar de não participar de um grupo organizado, a escolha da transexual foi pela mesma trabalhar ao lado da minha residência e ser um local onde eu freqüente com muita assiduidade e por observar e verificar seu cotidiano e história.

A metodologia de História Oral preocupa-se mais com a intensidade das vivências elaboradas pelo sujeito ao trazer os significados que atribuem às suas experiências do que com o número de sujeitos pesquisados.

Nesta metodologia, o importante não é o número de pessoas entrevistadas “[...] mas o significado que esses sujeitos têm em função do que estamos

buscando com a pesquisa” (Martinelli, 1999, p.24). Instaura-se a idéia de sujeito coletivo: a autora explica que uma pessoa tem a referência grupal, expressando o conjunto de vivências desse grupo, a partir da densidade de suas vivências.

Um dos momentos mais delicados e fundamentais ao eleger os sujeitos, foi a escolha das travestis e transexuais que representariam cada eixo de discussão, pois entendo que “a qualidade do material obtido depende da qualidade do informante escolhido, em função do que se pretende desvendar” (QUEIROZ, 1985, p. 68). Cada sujeito trouxe contribuições valiosíssimas para o objeto desta pesquisa a partir de suas experiências, o que enriqueceu em demasia a pesquisa.

É a partir do inter-jogo de subjetividades construído nas entrevistas, com que carinhosamente apresento cada uma das duas travestis e duas transexuais – com seu explícito consentimento. Cada uma delas trouxe aspectos relevantes sobre sua história de vida, cotidiano profissional e o acesso durante suas trajetórias às políticas públicas, assim como me acolheram carinhosamente nos seus espaços de trabalhos para compartilharem comigo suas histórias, além de permitirem a revelação de seu nome social.

Meu primeiro contato com a Lorna Washington foi no Grupo Pela Vidda, quando fui convidada a participar da reunião do grupo *Transrevolução*. Lorna é “artista transformista” e trabalha como voluntária no Pela Vida como recepcionista.

Lorna teve uma participação fundamental na construção dessa dissertação, pois me ajudou a construir o título do trabalho, bem como indicou o nome das travestis para serem entrevistadas e também auxiliou com várias informações significativas acerca do cotidiano do “mundo das travestis”.

Para a entrevista nos reunimos uma única vez no dia 17 de Setembro de 2009, uma quinta-feira, na sala de atendimento jurídico do Grupo Pela Vidda. Dialogamos sobre meu projeto de pesquisa, relatei sobre a metodologia de História Oral. A entrevista foi rica de conteúdo e vivências e estabelecemos um diálogo longo.

Lorna tem 49 anos, classifica-se como negra, tem cinco irmãos, é natural do Rio de Janeiro, morou na zona sul, em Copacabana, depois na zona oeste e atualmente reside no subúrbio. Lorna é “artista transformista”, realiza shows em

casas de espetáculos, boates e é coordenadora do *Chá Pela Melhor Idade*, um evento que acontece mensalmente no Pela Vidda, onde são feitos debates sobre diversidade sexual.

Apesar de se identificar como “gay”, Lorna se traveste de mulher embora apenas quando está trabalhando, mas sua escolha para a pesquisa foi decorrente da disponibilidade de ajudar e contribuir na pesquisa. Portanto, Lorna *já era* um sujeito dessa pesquisa.

O diálogo com a Lorna me possibilitou compreender o mundo das travestis, um universo de busca integral do feminino, de *glamour*, mas de muita discriminação e violência.

A segunda entrevistada foi Giselle, ativista do movimento das travestis e transexuais, coordenadora do grupo *Transrevolução*, voluntária e exerce o cargo de secretária do Grupo Pela Vidda. Mora sozinha e se considera independente financeiramente.

A entrevista se realizou no dia 17 de Setembro no início da noite, na sala de atendimento psicológico da instituição. Giselle em todo momento da entrevista se mostrou disposta a falar da sua história de vida.

Giselle tem 32 anos, do ponto de vista da raça/cor, classifica-se como “índia”, é natural de Manaus, tem cinco irmãos e é formada em Jornalismo pela Universidade Hélio Alonso. Fez diversos cursos: técnico em contabilidade, técnico em enfermagem e massoterapia, além de teatro. Aos 13 anos, fugiu de Manaus para o Rio de Janeiro.

O diálogo com Giselle foi fundamental para conhecer a dinâmica e o cotidiano das travestis no Rio de Janeiro, seus conflitos e conquistas, especialmente por ser hoje uma liderança do movimento das travestis.

A terceira entrevistada foi a Selen, que se identificou como “transexual feminina”, mas não tem vontade de realizar a cirurgia de transgenitalização. Meu contato com a Selen ocorreu no Grupo *Transrevolução*. Nossos diálogos foram se fortalecendo nas reuniões que participávamos em comum.

Selen tem 37 anos, classifica-se como “negra”, é natural de Maceió/AL, tem 12 irmãos, trabalha no Pela Vidda como auxiliar de serviços gerais e reside na

maior favela da América Latina. Atualmente, mora com um companheiro (há 2 anos).

A entrevista ocorreu no dia 18 de Setembro de 2009, na sala da psicologia do Pela Vidda. Selen tem uma história rica, pois antes de fazer a transformação do seu corpo, considerava-se “gay” e “profissional do sexo”. Ela acredita que sofre muita discriminação e exclusão em vários aspectos da sua vida. Foi simpática, alegre e solícita durante a entrevista.

A última entrevistada foi a Renata, também “transexual feminina”, que atualmente faz tratamento no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE/UERJ), mas também já recebeu atendimento no Hospital Estadual de Diabetes e Endocrinologia Luiz Capriglione (IEDE). Seu desejo é fazer a cirurgia de transgenitalização. A escolha deu-se pelo fato de Renata trabalhar num supermercado próximo a minha casa em Copacabana e termos construído informalmente uma relação bem próxima antes de realizarmos a entrevista.

Renata tem 25 anos, classifica-se como “branca”, é natural do Rio de Janeiro, tem 2 irmãos e trabalha como gerente de cafeteria numa grande rede de supermercados, por isso considera que tem sua independência financeira e mora sozinha.

A entrevista realizou-se no dia 21 de setembro de 2009, num bar *gay* de Copacabana, ao final de uma tarde chuvosa. A escolha pelo bar foi por ser um lugar discreto e acolhedor. Suas vivências são riquíssimas e foram fundamentais para conhecer a realidade de uma transexual prestes a fazer a cirurgia de transgenitalização.

Em relação à escolaridade das entrevistadas, em geral foi alta. Das quatro, três têm ensino médio completo, sendo a Giselle formada em Jornalismo. A entrada no ensino superior se deu por gostar de estudar e ajudar na sua militância no movimento. Sellen que distoa do grupo, tendo estudado até a 4ª série do ensino fundamental.

Vale destacar que há diferenças expressivas econômicas e de escolaridades entre as travestis e transexuais e o fato de não concluírem os estudos é uma realidade da maioria das travestis, muitas vezes a evasão escolar está permeada por preconceito, discriminação no ambiente escolar.

Minha relação com as entrevistadas foi de intensa cordialidade. As entrevistas aconteceram em ambientes seguros, sem ter que comprometer a identidade e a segurança de todos os envolvidos. E, apesar de toda a ética que cabe à pesquisadora, sinto ter tido um enorme compromisso por receber das entrevistadas confiança, histórias e realidades tão íntimas, mas busquei estar apta a ouvi-las com confiança e sinceridade.

Compartilho com os leitores a companhia dessas travestis e transexuais atuantes, pois como tão bem nos lembra Benjamin (1994, p. 213), “quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê, partilha desta companhia”.

4.2.

O começo de dia: “No meu caso desde que eu nasci eu já percebi algo diferente, no caso, em mim” (Renata).

Ao longo desse eixo das entrevistas, os sujeitos relataram suas trajetórias de vida, seus processos de descoberta da sexualidade e as relações que estabeleceram com seus familiares e amigos.

Os principais indicadores referentes a esse eixo de discussão acerca da descoberta da sexualidade, da identidade de gênero das entrevistadas se referem às questões de ordem de orientação sexual, construída concomitantemente com as respectivas identidades de gênero, como travesti e transexual.

A família é apresentada nesta dinâmica a partir de suas funções relevantes no ciclo de vida e a relação com amigos. Outro aspecto relevante foi o uso de recursos medicamentosos e alterações corporais.

Apesar de não ser questionado o estado civil das entrevistadas, é possível adquirir dados por meio dos relatos de algumas entrevistas.

Lorna:

Com família, eu... minha família foi enquanto minha mãe era viva, né? Porque enquanto a mãe é viva, a família fica muito unida, porque mãe geralmente é o laço que liga muito os parentes. [...] Então, enquanto a minha foi viva, até quando eu tinha os meus 21 anos, em 83, a família toda era [...]. Aí depois que minha mãe faleceu, aí mesmo é que nós nos separamos efetivamente.

Minha faleceu eu tinha 21 anos, eu estou com 49, já vão vinte e tantos anos.

A relação com minha mãe sempre foi muito forte porque minha mãe sabe, toda mãe sabe que tem essa ligação muito forte com o filho e sabe que ele é um filho diferente dos demais.

Lorna, durante toda a entrevista, manifestou muita emoção ao mencionar a figura da mãe na sua vida. A relação com o pai era “fria”. Segundo ela, o pai não tinha compreensão com ela e nem com os outros filhos, não havia carinho nem afeto “Era aquele homem que achava que tinha que dar o alimento e olhe lá... e já está ótimo”.

Com os irmãos hoje, é muito distante. Enfatiza a relação conturbada com uma irmã, com quem coabitou por 10 anos na Barra da Tijuca, período esse, que não conta. Segundo ela, percebia na irmã nitidamente “um recalque imenso”, sentimentos de homofobia sempre envolviam a relação delas:

Eu me anulei muito. Tem duas cenas que marcaram muito a minha vida. Uma delas é nesse período que eu morei com ela. Uma delas, foi um casal amigo dela que foi nos visitar (héteros), foram numa boate que eu trabalhava em Botafogo e eu os recepcionei, eu estava de rapaz, mas fui trocar de roupa, fui me maquiar e coisa e tal, e quando eu voltei, o marido da amiga dela e disse: - “Olha, seu irmão fica muito mais bonito de mulher que você!!” Naquela hora, eu senti o recalque dela. E vi uma coisa ruim de dentro dela para com a minha pessoa e foi aí que eu percebi o grande recalque que ela tinha para com a minha pessoa. E eu me lembro também que a primeira vez que ela me viu de mulher, eu estava deslumbrante. Eu estava numa boate que eu trabalhava e que chamava Papagaio, na Lagoa, que era o Ricardo Amaral. Eu estava usando um maiô amarelo ovo com uma peruca linda e ainda tinha um pássaro na cabeça [...] que se chama “pássaro do paraíso”... uma roupa linda que tinham feito para mim. Ela me olhou com um olhar de reprovação, uma coisa assim... tão ruim, que ela ficou nessa época, uma semana em casa sem falar comigo.

Atualmente, Lorna reside com Neide, sua antiga camareira da Boate 1140² por quem nutre um sentimento fraterno, a considera “uma irmã”.

Giselle:

Bom, desde quando eu me entendi como gente, eu sempre fui menina, a verdade é essa, sempre estive do lado feminino, sempre tive esses trejeitos femininos, cabelo grande, unhas pequenas.

² Boate 1140: Boate GLS, que fica localizada na Praça Seca em Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro.

[...] meu pai militar, minha mãe religiosa, os irmãos, então era super complicado. Mas é aquela coisa... os pais nunca se enganam com filhos. Até mesmo, porque eu tenho outros irmãos, são totalmente diferentes da minha atitude quando eu era criança.

[...] A minha mãe sempre assim... sempre foi o tipo de pessoa que sempre me apoiou. Minha mãe... é uma palavra que eu sempre guardo muito, que minha mãe falou pra mim um dia: “meu filho, você seja o que você for, faça o que você quiser, você sempre será meu filho... não importa o que as pessoas digam”.

[...] Agora imagina uma pessoa que está no mundo atual, né? No século que nós estamos..., que é a minha irmã, que ela quer ver o capeta, mas não quer me ver pintada de ouro, entendeu? Eu já até entrei com um processo, já tentei fazer várias coisas, mas eu já to me segurando pra ver o que eu vou fazer.

Com relação ao processo judicial contra sua irmã, Giselle relata tomou essa decisão por sua irmã não gostar de homossexual e travesti.

Giselle considera-se uma pessoa autônoma, que mora sozinha na zona sul, é militante do movimento das travestis e transexuais e tem uma posição de liderança.

Selen:

Eu saí de casa muito cedo.

Sou de Maceió, Alagoas. Quando meu pai soube que eu era gay e minha mãe já sabia há muito tempo... então ela sempre me acoitou, sempre encobria quando eu saía, ela colocava a chave embaixo do tapete [...]

[...] Aí ele, meu pai me deu uma surra de madeira e mandou eu tomar banho depois da surra. [...] Aí eu levei outra surra e [...] meu irmão perguntou se eu queria vir para o Rio trabalhar, aí eu falei: - “Quero!” Meu pai um dia comprou a passagem pra mim. Eu dormi, no outro dia de manhã meu pai chegou, fui trabalhar, ele chegou a tarde: - “Toma aqui o dinheiro”, aí eu fui na rodoviária tirar a passagem pra eu ir embora.

Sellen mudou para o Rio de Janeiro e foi morar com uma irmã na Rocinha. Hoje em dia, ela tem sua própria renda e mora com seu companheiro.

Renata:

[...] várias situações podem ser assim de fato emocional, como pessoa até... e eu não conseguia me adequar, no caso, ao sexo o qual me foi colocado. Eu nasci no sexo masculino, mas o que é do sexo masculino, eu nunca senti. Quando eu estava na barriga da minha mãe, o médico havia dito pra ela que eu era uma menina, então desde pequena, desde a barriga da minha mãe eu fui tratada como menina.

[...] Era o sonho da minha mãe ter uma menina. Quando eu nasci, pra ela foi uma decepção, porque ela sonhava muito em ter uma menina e ela não teve... Então, segundo psicólogos, o que me foi relatado, é que o que está na barriga passa para o feto, entendeu? Aquele carinho, aquele apego, de querer tanto... Então passou da mãe para o feto (...).

[...] Minha mãe sendo evangélica e meu pai, sendo uma pessoa comum. Depois que eu mudei, me emancipei, eu fui aos poucos mudando e fui mostrando pra ela e ela entender o que era... ela não entende muito, mas enfim... mas eu prefiro não deixar muito opinar sobre mim... Deus deu o livre arbítrio para cada um, e eu acho que a gente deve seguir a vida como a gente acha melhor, porque é como a gente se sente bem.

Renata “por ter muitas discordâncias com a mãe” foi morar com o pai em São Paulo. Segundo ela, “queria ser uma pessoa diferente, ser feliz de uma forma diferente, viver a vida”. Mas esse desejo também foi barrado devido a um relacionamento conflituoso com a madrasta.

E a relação familiar? Será que existe a família ideal? Podemos afirmar que do mesmo modo que existe uma família ideal, existe a família pensada e a família vivida, trabalhada por Szymanski (187), e ainda aquela que sonhamos um dia construir.

Lopes (1994), diz que o desemprego, a imposição de padrões de comportamentos difundidos nas novas relações de consumo de massa, a proliferação das condições sociais que caracterizam o (des) envolvimento com vícios os mais variados, a violência, o alcoolismo, e outras questões que se acumulam em torno das crises vividas pela sociedade, têm sido pesquisados e interpretados como problemas que afetam as relações de parentesco caracterizadoras da imagem da família nuclear, chegando a causar o rompimento delas.

Ainda na fala do autor, existem muito poucos estudos dedicados a pesquisar e explicitar a ruptura familiar, como indicativo das mudanças nas relações de gênero ou mesmo das transformações nas relações amorosas e conjugais, sendo estas últimas entendidas mais como uma consequência do rompimento dos laços familiares, de como um de seus múltiplos e determinantes aspectos.

A família tão sonhada, na maioria das vezes muito distante da real, do padrão da hetero-normatividade, nuclear (pai, mãe e filho) é vinculada na mídia como um modelo a ser seguido. E quem não se enquadra no modelo (casar, constituir família, ter filho e ser feliz para vida toda), está fora do padrão da “normalidade”. A normalidade se constitui sócio e historicamente como incorporação normativos.

Em sua maioria, as famílias referidas pelas travestis são compostas pela própria mãe, pai e irmãos. Ressalto a dificuldade que as travestis têm em constituírem suas próprias famílias.

A família é apresentada no seu papel estrutural, no sentido formador de caráter e conduta. Nas transformações, as travestis e transexuais são marcadas por um conflito familiar inicial, chegando a registros de violência, por meio de agressões físicas e verbais. Sofrem recriminações na família e na sociedade, apanham de pessoas que queriam que elas fossem diferentes, que levassem uma vida correspondente ao sexo biológico, o que gera nelas muito sofrimento e angústia.

Há também a relação familiar daquelas que fizeram suas próprias famílias, seja com companheiros, seja com amigas.

As narrativas sobre amor e afeto também apontam para formas de organização social e relações familiares das sujeitas. Como é o caso de Sellen, que reside com o companheiro na sua casa na Rocinha.

E Renata:

Hoje eu moro sozinha com 2 cachorrinhas, até porque as vezes é um tédio ficar em casa, mas eu sou uma pessoa muito de ficar em casa, muito caseira não gosto de sair e tal e as vezes me acompanha meu namorado... As vezes meu namorado fica lá em casa e aí a gente fica junto [...].

A relação com irmãos e irmãs compõe um importante cenário na construção das masculinidades e das feminilidades que participam do mundo das entrevistadas. Nesse sentido, irmãos e irmãs socializam e excluem o sujeito durante a infância, por meio de brincadeiras, durante a adolescência por meio de grupos de amigos e durante a idade adulta por intermédio das redes de solidariedade no interior da família. A todo instante, esses processos participantes da construção dos sujeitos, estão ordenados pelos universos masculino e feminino, classificando os indivíduos que se associam a cada grupo ou que se afastam deles.

Geralmente, o primeiro apoio vem dos amigos/as externos/as ao núcleo familiar, que não apresentam resistências diante das questões de gênero ou de identidade de gênero, até mesmo pelo fato de se encontrarem em condições próximas, do mesmo ciclo social. Isso ocasiona, contudo, um núcleo de amizades que realizam papéis de cunho familiar: apoio, orientação, sustento e afeto.

Antes de assumirem sua identidade de gênero como travestis e transexuais, há em geral, ensaios de performance feminina que são realizadas longe dos olhares da família, por receio de discriminação, rejeição, exclusão e violência, até o momento da revelação da identidade:

[...] também eu já fazia show, aí eu tinha deixado o meu armário aberto em casa, um armário meu era de cadeado, mas eu tinha deixado aberto, aí minha mãe viu as minhas roupas de mulher. Minha mãe passou um tempinho, um dia minha mãe sentou comigo e falou assim, me perguntou: - “Você sabe o que você está fazendo? Essa é a vida que você quer levar? Você sabe o que é que vai acontecer e coisa e tal?” Eu falei: - “não sei, mas eu quero ver, eu quero fazer isso, eu quero tentar, é esse o caminho que eu quero seguir pelo menos por agora”. (Lorna)

Passami (2008) relata com relação à experimentação de outras performances que, quando afastados (as) de casa, as travestis acabam assumindo em todos os momentos sua identidade de gênero. Deve-se considerar que as travestis e transexuais que geralmente não foram expulsas de casa, exceto a Sellen, em geral são levadas a evadir, pela pressão e humilhação no cotidiano familiar.

[...] com 13 anos de idade, eu fugi de casa. Mas fugi de casa porque eu sempre quis ter minha independência, eu sempre quis ter a minha vida, entendeu? Meu pai como era de quartel, aquelas coisas todas... mandou a policia ir atrás de mim, aí me pegaram, me levaram de volta pra casa (ai que raiva...). Um belo dia, eu arrumei minhas coisas, falei pra minha mãe: - “mãe, tô indo embora...” Minha mãe: “tá bom, vai”. Só que minha mãe não levou fé, achou que eu estava brincando. Nisso, eu fui pra nunca mais voltar. Nunca mais voltar assim..., porque eu já fui, tenho contato... Essas coisas todas, mas fui e não voltei.

Diante de tantas histórias de agressão e violência que interferem no cotidiano dessas travestis e transexuais, é importante salientar que o fato de buscarem a feminilidade, auxilia na construção da identidade. Esse fato é um processo de transformação e feminização dos corpos.

Observa-se um processo de transformação no que se refere à construção da identidade das travestis e transexuais, considerando as modificações e transições, a partir da descoberta da sexualidade e da transformação do corpo. As transexuais parecem se dividir entre aquelas que desejam fazer a cirurgia de transgenitalização e as outras que não desejam fazê-la, mas tem identificação excessiva com o sexo oposto, ou seja, o feminino:

A minha sexualidade começou como a de todos os meninos... A gente começava brincando como todos os meninos ‘de meinha’ eu fico na frente, agora você fica na frente e, obviamente, nesse grupo de todos brincando, sempre tem um que é o mais velho um pouquinho que é o que sempre desperta mais cedo pra sexualidade. (Lorna)

Gente, eu sou homem, não sou? Eu gosto de homem. Não entendo isso... É uma coisa nova, eu criança, 8, 9, 10 anos... Eu pensava: - “que engraçado... mas eu nunca tive

envolvimento com mulher nenhuma, nunca me relacionei com mulher”. [...]. Primeiro eu comecei a parte andrógina, que é aquela coisa de colocar calças apertadas, uma roupas mais unissex que dá para os dois sexos, nada tão masculinizado, me jogando mais para o lado feminino. Agora, quando eu decidi mesmo, eu decidi eu tinha 17 anos. (Giselle)

[...] Assumi ser travesti, e ser 24 horas mulher. (Giselle)

[...] porque eu achava bonito: as roupas na televisão, aí você vê que fica legal. Eu tinha uma amiga minha que ia lá pra casa se montar, aí ela falava: “vamos ‘se’ montar”... Eu falava: - “ah, não sei... é esquisito”, aí eu botei a peruca e eu achei bonitinha, aí botei o batonzinho, achei bonitinha, aí coloquei uma sainha e ficou aquela coisa assim feia... Aí ela: - “ah, vamos pra boate... Aí eu ia pra boate ferver, aí eu comecei...” Aí ela falou assim: - “ah, vamos tomar hormônio?” Aí eu comecei a tomar hormônio. (Sellen)

Eu me considero transexual, mas fico meio catucada com essas coisas de fazer a cirurgia, eu tenho uma amiga que operou (...) e ficou despirocada. (Sellen)

Após os 19 anos, eu comecei a tomar hormônio de forma errada. Foi o modo injetável... porque eu tinha vários colegas, vários amigos que tomavam e eles tinham um resultado muito rápido. Então, eu comecei a tomar os hormônios por conta própria, até pelas pessoas que eu conhecia, pelos resultados e depois de muito tempo tomando os hormônios de forma errada foi que eu conheci através de uma transex o tratamento e tal, eu estou hoje... Estou em tratamento. Você passa dois anos com psicólogo, com psiquiatra e esse tratamento, na finalização dele, é a cirurgia. (Renata)

A importância da socialização das travestis permite o encontro com outras na construção da identidade e aquisição dos comportamentos desejados.

As travestis e transexuais que participaram desta pesquisa fizeram uso de hormônios e medicamentos sem orientação e acompanhamento médico, estendendo esse caso para os demais grupos travestis e transexuais do país. Tudo isso somado ao fato de não existir no país políticas e projetos de saúde pública que atendam às demandas específicas de identidade de gênero que apresentam.

Quando a uma alteração corporal, as diferenças do corpo são marcadas também por posturas diante da vida. As transexuais se diferenciam das travestis e se aproximam mais da figura socialmente modelada e esperada de uma mulher, Nota-se sua marca inclusive pela intervenção cirúrgica na substituição do órgão genital.

Atualmente, eu faço no hospital Pedro Ernesto, mas eu já fiz também no Moncorvo Filho [...]. Eles já são instruídos de como tratar os transexuais, até por ordem da Direção, sempre ela, sempre respeitando, nós sempre usamos o banheiro feminino lá, porque não tem discriminação (Renata).

Um dos apontamentos para as novas investigações seria discutir as relações com os medicamentos e a imagem corporal de travestis e transexuais na busca de

um corpo ideal, além de investigar qual a representação desse corpo idealizado, assim como os riscos e benefícios deste fenômeno como um todo, no sentido de apontar medidas e intervenções destinadas à prevenção e promoção da saúde.

4.3. Mundo do trabalho

Esse eixo apresentará o cotidiano das entrevistadas organizado por suas relações de trabalho.

Verificar as relações profissionais que permeiam as vidas de travestis e transexuais e se as mesmas possuíam ou não vínculos empregatícios, bem como se experimentaram dificuldades na inserção no mercado de trabalho foram objetivos deste eixo. Nesse sentido, foi percebido que as ocupações anteriores e atuais e ou historicamente mencionadas pelas entrevistadas foram as de Lorna (recepcionista e artista transformista), Giselle (secretária), Selen (auxiliar de serviços gerais) e Renata (supervisora). Apenas uma, entre elas, possuía carteira assinada, como é o caso de Renata que tem vínculo empregatício numa grande rede de supermercado. Torna-se evidente que as atividades desenvolvidas pelas travestis são aquelas atribuídas socialmente às mulheres, historicamente menos valorizadas e remuneradas.

Lorna é artista transformista e faz shows em boates, casas de espetáculos, sauna, clubes e festas.

Eu sempre faço dos meus espetáculos, os espetáculos é o meu púlpito né? É o meu palanque (Lorna).

Ressalto, a diferença entre púlpito e palanque. Púlpito normalmente está ligado ao lugar de enunciação dos sermões nas igrejas e, ou lugares solenes. Palanque pressupõe que se está fazendo política.

Sellen, no processo de transformação do corpo, paralelamente iniciou sua inserção como profissional do sexo.

Por meio das interações sociais com outras travestis, namorados ou clientes, os iniciantes conseguem ter acesso às informações que irão auxiliá-los no investimento necessário ao aperfeiçoamento corporal. Como observou Benedetti (2000), a transformação do corpo é um processo inerente à construção da identidade desse segmento social. Ele é o marco fundamental que permite

diferenciá-los de outros indivíduos que compõem a diversidade do universo sexual, notadamente no que se refere aos gays, aos transformistas, às *drag queens* e às *cross-dressers* (CDs), ou ainda, distingui-los entre as transexuais.

Como as próprias travestis costumam explicar, ser travesti é apresentar-se socialmente como mulher em tempo integral. E nessa representação não basta somente vestir-se com roupas do universo feminino, mas envolve cuidados constantes, tais como depilação, ingestão e/ou aplicação de hormônios sintéticos femininos ou até mesmo intervenções mais agressivas, como o uso de silicone para modelar seios, nádegas e quadris.

Desse modo, a inserção no mercado de trabalho se dá de maneira precária, uma vez que lhes são relegadas colocações estereotipadas, sendo as mais frequentes nos ramos da estética. Para aquelas provenientes de famílias mais pobres, a prostituição se coloca como uma das poucas alternativas de geração de renda, se não a mais recorrente.

Eu estava naquela fase de mutação, ‘se’ transformando... garotinha. Aí, eu comecei a virar travesti... aí fui pra rua, eu ficava na Quinta da Boa Vista, depois eu fui pra Central – local que anda dinheiro- então era onde eu caía novinha, 20 anos, eu estava no auge... onde eu caía, dava dinheiro, não ficava meia hora não ficava minutinhos parada, era carro batendo (...)/Todo o dinheiro que eu ganhava da rua, eu jogava lá em cima [ela menciona em cima como a casa dela, sua própria moradia].

Pelúcio (2005) constata que, para as travestis, a prostituição pode ser perspectivada sob três formas distintas: como atividade da qual não se tem orgulho, mas que se exerce de forma temporária e por necessidades financeiras; como meio de se obter bens e ascensão social; como profissão, meio de subsistência e de sociabilidade. Tal como Benedetti (2000) e Silva (1993), Pelúcio (2005) pontua que o espaço da rua é lugar de troca e de socialização, de modo que aprendem a ser travestis.

A questão da discriminação é uma constante no cotidiano das travestis e transexuais em sua inserção profissional. Numa perspectiva de gênero acerca da absorção das travestis pelo mercado de trabalho, Adelman argumenta:

Basta uma rápida olhada nos anúncios de emprego para deixar claro que o mercado de trabalho possui uma estrutura segmentada pelo gênero - definido pela dicotomia convencional homem/mulher. Muitos valores subjetivos e avaliações estão embutidos nesta divisão – sobre aquilo que um homem ou uma mulher pode ou deve fazer. Pessoas

com uma ambigüidade de gênero poderiam causar confusão e sentir rejeição, por não se encaixarem facilmente nos nichos que existem no mercado de trabalho. A mesma ambigüidade pode ser vista como algo capaz de perturbar o desempenho da função, principalmente num mundo onde muitas ocupações se exercem vinculadas à apresentação e conservação da imagem (Adelman, 2003, p. 83-84).

Na questão da discriminação, as travestis e transexuais sofrem uma “carga extra” que é a discriminação sofrida com a exteriorização de uma imagem que foge às regras estabelecidas. O preconceito é a ideologia, a discriminação, é a forma como esta ideologia se materializa:

[...] eu já sofri sim umas 2 ou 3 vezes, a maioria das vezes é aquela coisa que é.. é aqueles risinhos que você sabe que é diretamente ligado a você (Renata)

Aí quando eu virei travesti, agora há pouco tempo eu botei um currículo a empresa me ligou, aí falou: - “Sra. Joabe, (já começou mal) ela: é que a senhora deixou um currículo com a gente, eu sou da empresa (???), você ainda quer a vaga, você está trabalhando?” Eu falei: “não”! Ela: você ta interessada? Eu: to... to indo! Ai peguei tudo, arrumei tudo... fui lá em Manguinhos que é a empresa, aí tu vai com planos né? Você vai trabalhar agora, vai ter a carteira assinada de novo né? INSS, a garantia de um futuro lá pra frente. Aí me fizeram a pergunta assim: ah, você foi aprovada porque? Você foi assim, travestizada? Eu falei: Não... era pra eu ir né? Pior que eu não fui... Eu tirei os piercings todo... não fui com nada aqui na frente, anéis tirei tudo, tirei esmalte, o cabelo, o que eu pude socar... não tinha nem como socar mais, fui de calça, fui com uma baby look, até aqui em baixo, não ia aparecer barriguinha nenhuma, fui de tênis, aí sentei na empresa. Aí tinha umas outras meninas selecionando e aí me chamou junto... aí fui lá, fiz a entrevista, era um salário e meio, tinha gratificação e eu já viajando né... tem passagem ida e volta. Você mora aonde? (me perguntaram). Eu: - moro na rocinha. Ela: então você vai trabalhar em são Conrado ou no shopping da gávea. que é duas passagens que a empresa vai te dar. Eu: tudo bem. Ela: Qual é que você quer? Eu: tem quais horários? Ela: de manha de 2 as 10h e tem de 6 as 7h da manhã. Aí eu falei: eu pego esse de 2 as 10h. Aí ela falou, então vamos fechar aqui e tal. você trouxe os documentos? Aí na hora que ela abriu os documentos, ela viu o sexo né? Na hora que eu estava conversando com ela, ela sentiu uma coisa diferente... Aí eu falei: eu sou transexual. Aí ela falou: “ah, seu caso é especial... Você fica em casa esperando daqui a dois dias”. Tu ligou? Nem eu! (Sellen)

Ao ser mencionada a origem da discriminação contra as travestis e transexuais, a questão da exclusão social e violência é muito real. Não se pode omitir ou dispensar a discussão de conceitos que podem gerar a exclusão e a violência. São os conceitos de estigma e preconceito.

A noção de “exclusão social” pertence à perspectiva própria da tradição francesa na análise de pessoas e grupos desfavorecidos. Em termos simplificados, Robert Castel, uma das principais referências nesta discussão, define “exclusão social” como a fase extrema de “marginalização”, entendido este como um percurso “descendente” ao longo do qual se verificam sucessivas rupturas na

relação ao mercado de trabalho, o qual se traduz em desemprego ou mesmo num “desligamento” irreversível face a esse mercado. Mas a “exclusão social” não é caracterizada somente pela ruptura com o mercado de trabalho, mas por rupturas familiares, afetivas e de amizade.

Contudo existe uma total exclusão de direitos, que não só denigre como impossibilita a essas pessoas o direito fundamental de construir a sua cidadania. Nesse sentido, vai se configurando aquilo que poderíamos chamar de “rede de exclusão”.

A experiência da exclusão nunca se manifesta de forma isolada, de modo que a pessoa, ao ser excluída socialmente, já está sendo excluída economicamente, culturalmente, demarcando assim, cada vez mais, a desigualdade e iniquidade de direitos.

Ao serem inseridas nessa rede de exclusão, um novo movimento se delineia, denominado por Manuel Castells (1999) de “inclusão perversa”, que estabelece uma relação direta entre desigualdade e pobreza, com extrema exploração, e, que, na maioria das vezes, caminha para um estado de miséria absoluta.

Cada uma dessas experiências de exclusão vividas segue configurando ações de violências que esfolam os corpos e as almas humanas.

A violência a que essas pessoas são expostas, gerada pelas forças sociais de origem patriarcal e heterossexistas, com seus operadores morais, cientificistas e legalistas, produz diversas e intensas formas de opressão, evidenciando a desigualdade social, sexual e de gênero de forma cada vez mais nítida.

Segundo Minayo e Souza (1998), a violência é um fenômeno representado por ações humanas, realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações, numa dinâmica de relações, ocasionando danos físicos, emocionais, morais e espirituais.

Existem várias formas de expressão da violência: física, sexual, psicológica, auto-infrigida e violência institucional.

Sabe-se que a violência não se define somente no plano físico, apenas sua visibilidade pode ser maior nesse plano. Essa observação se justifica quando se constata que violências como a ironia, a omissão e indiferença não recebem, no meio social, os mesmos limites, restrições ou punições que os atos físicos de violência.

Contudo, essas violências psicológicas e emocionais tem um efeito tão ou mais profundo que as físicas, porque atitudes e sentimentos como: preconceitos, discriminações, ferem um valor precioso do ser humano: sua própria identidade.

O mercado de trabalho formal é muito restrito para as travestis e transexuais, surgindo para elas em geral, apenas subempregos na informalidade. Casos de vínculo empregatício formal são isolados. Existe uma relação entre baixa escolaridade e baixo acesso a empregabilidade, pois a falta de acesso aos estudos, muitas vezes relacionado ao preconceito que levou a evasão escolar, portanto há pouca chance de inserir no mercado formal.

Um destes casos de exceção foi o de Renata, que trabalha com vínculo empregatício numa grande rede de supermercados. As travestis e transexuais são percebidas de forma diferente, devido a apresentação corporal, mas tem também, com relação as transexuais, o respaldo de um hospital público (discurso médico), tem que ver a questão do nome social, caso já tenho feito a mudança ou se entrou com o processo judicial para a troca.

Ela explicita como se deu sua inserção:

[...] eu entrei na empresa, eu tinha 15 anos, não tinha sofrido a mudança de fisionomia e eu não passava por nenhum tratamento. Quando eu comecei a fazer o tratamento eu já estava dentro da empresa e foi quando eu comentei com a minha chefe que eu ia fazer um tratamento, que eu ia mudar e tal, a qual ela muito me incentivou... mas sendo que, eu fui em frente eu não estava pensando se eu ia perder ou não o emprego, entendeu? E aí todos que trabalham aqui comigo, são 105 funcionários, eles passaram toda a trajetória, toda a mudança junto comigo. Então foi mais fácil eles aceitarem, porque eles estavam comigo no dia-dia, então eles não sentiram assim o impacto e todos me respeitam, até porque o respeito quem impõe é você. Então, a partir do momento em que você impõe o respeito, tudo é diferente. Eu sou uma pessoa muito respeitada, eu sou uma pessoa que faço o meu trabalho corretamente, eu não tenho essa coisa de ficar... (Renata)

Ressalto que Renata verbaliza nesse momento que já tinha uma vinculação com seus colegas de trabalho. Sugiro que ocorreu uma empatia produzida por um trabalho político-pedagógico, ainda que informal entre ambas as partes.

[...] e aí todos que trabalha aqui comigo são 105 funcionários, eles passaram toda a trajetória, toda a mudança junto comigo, então foi mais fácil eles aceitarem porque eles estavam comigo no dia-dia, então eles não sentiram assim o impacto e todos me respeitam até porque o respeito quem impõe é você, então, a partir do momento que você impõe o respeito tudo é diferente, eu sou uma pessoa muito respeitada, eu sou uma pessoa que faço o meu trabalho corretamente, eu não tenho essa coisa de ficar... Ah... O que tem de fazer a gente faz, entendeu, e todos me olham como uma pessoa normal sabendo que

eu faço um tratamento, eles sabem que eu vou fazer uma cirurgia e eles me respeitam da melhor maneira, até tentam me ajudar muitas das vezes me liberando para o tratamento, entendeu, e eles tem uma visão como uma profissional... Eu sou uma profissional como qualquer um, não sou especial, não sou diferente, eles não me consideram assim e hoje... (Renata)

Renata, fala que “o respeito quem impõe é você”. Sua afirmação perpassa pela questão da auto-estima e também pelo autoconhecimento que tem da sua própria identidade.

A dificuldade mais comum nos espaços profissionais, nos casos das travestis e transexuais, é a impossibilidade da mudança no registro de nascimento, ou seja, de serem chamadas pelo nome social, mudando toda uma estrutura ao seu redor, vinculando ao sexo biológico apresentado em seus documentos oficiais.

Renata verbaliza como isso é elaborado no seu cotidiano profissional:

Eles preferem abreviar tudo. É Renata, vira Re. é Re prá cá, Re pra lá... então é uma coisa que não interferem. é Re, pode ser Renata, Renato... entendeu? [...] Agora, é muito chato numa reunião como a empresa: ela me coloca um crachá masculino... RENATO, então eu não tenho como mudar isso. [Nesse momento, a pesquisadora interfere: Você já pediu pra colocar seu nome no feminino?] Sim, o meu contrato ele é vinculado a São Paulo, então eu não consigo mudar, se eu não consigo mudar a documentação, a documentação é uma... Eles não têm como colocar um nome que eu não tenho uma documentação que garanta que eu possa usar esse nome que me respalda entendeu?

Toda essa discussão em torno do nome social aponta diretamente para uma lacuna da política pública, dos direitos trabalhistas. Recentemente, o governo federal aprovou uma portaria que permite o uso do nome social para travestis e transexuais por servidores do âmbito federal. Algumas prefeituras e estados, também já o fazem. Ainda não uma portaria que também permita o uso de nomes sociais de travestis e transexuais por empresas de pequeno, médio e grande porte, mas vai aí uma sugestão para que essa mudança seja feita.

As possibilidades de inserção no mercado de trabalho formal para as travestis são mínimas, pois mesmo nas situações em que estas executam atividades tidas como femininas, elas não são consideradas plenamente mulheres. Pela ambigüidade inerente, são alvos de preconceitos por parte da sociedade. Ainda considerando a questão da diversidade é colocada a dificuldade enfrentada pelas travestis.

As formas de discriminação são expressões da violência e desvalorização da dos atributos humanos: sexismo e homofobia. Segundo a Wikipédia, os termos: homofobia é um conjunto de sentimentos envolvendo o medo, aversão, ódio irracional a lésbicas, gays, travestis e transexuais, sendo uma causa primária para a discriminação e violência contra esse movimento e sexismo é o termo que se refere ao conjunto de ações e idéias que privilegiam entes de determinado gênero (ou, por extensão, que privilegiam determinada orientação sexual) em detrimento dos entes de outro gênero (ou orientação sexual).

4.4. Direitos e Seguridade Social

Esse eixo é o mais importante para a construção dessa dissertação. Pois através dos relatos das histórias de vida das entrevistas identificamos como as demandas das ações desenvolvidas na Política Nacional da Assistência Social, através do modelo de gestão, o Sistema Único da Assistência Social (SUAS), comunicam com as demais políticas sociais, em especial a saúde e como incorporam as perspectivas de gênero e identidades de gênero.

A luta por direitos é uma construção histórica. Historicamente, eles não são dados numa sociedade capitalista, racista, sexista, hierárquica e homofóbica, mas sim conquistados por aqueles/as que vivem situações de opressão, invisibilidade e violação.

A Constituição Brasileira de 1988 foi um marco histórico, jurídico e ético-político. Ela criou condições para o aprofundamento das discussões e ampliação das mobilizações sociais, além de propiciar a adoção de medidas institucionais voltadas para garantir a construção de uma cultura em defesa dos direitos humanos e do respeito às diversidades, afirmando a heterogeneidade e a pluralidade como valores nacionais. No entanto, a garantia desses direitos constitucionais não atinge, na realidade cotidiana, várias parcelas da população, como por exemplo: as travestis e transexuais. Segmentos esses que estão vulneráveis aos processos de exclusão social devido a determinantes como a condição de classe, as desigualdades regionais, etárias, de gênero, etnia e cor. A orientação sexual e a identidade de gênero devem ser compreendidas como

condicionantes e determinantes da situação de vida das pessoas tanto como os demais determinantes supracitados, como produtores de vulnerabilidade.

A classe, o gênero, a raça não operam isoladamente no cotidiano de indivíduos e grupos. Segundo Blackwell e Naber, o termo “interseccionalidade” se refere às articulações entre a discriminação de gênero, a homofobia, o racismo e a exploração de classe.

A perspectiva da interseccionalidade proposto por kimbelé Crenshaw permite pensar a vivência das sexualidades sendo esse lugar da experiência muitas vezes particular dos sujeitos/sujeitados de cada grupo racial, social e de gênero.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos de desempoderamento. (Crenshaw; 2002, p.177)

Tendo como cenário a sociedade brasileira onde as categorias gênero e raça se entrecruzam nas dinâmicas sociais formando uma complexa rede de desigualdade que se perpetua e se reestrutura para se manter.

O ponto de partida é pensar políticas públicas na área da Saúde, Assistência Social e demais políticas setoriais com recorte na orientação sexual e identidade de gênero.

[A pesquisadora pergunta à Lorna: Como você avalia hoje as políticas públicas voltada para o público LGBT?]

Olha, hoje mesmo eu vim de uma reunião ali da Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro e tem várias coisas acontecendo, tem várias reuniões acontecendo pra que isso se torne algo efetivo, pare de estar só no papel e só na discussão e vamos pegar a mão na massa. Tem alguns lugares que já tem algumas coisas que estão acontecendo de políticas públicas para o movimento LGBT está bem forte, ainda mais agora no governo atual, na gestão do Sérgio Cabral, do prefeito também, eles tem sido bem efetivos no que no que tange ao grupo LGBT. Isso tem sido bem legal.

Lorna tem uma posição diferenciada das demais entrevistadas, pois possui uma posição de liderança mais acentuada, isso se deve ao fato de sua formação pessoal e profissional.

Quanto aos atendimentos específicos para travestis e a postura dos profissionais:

Giselle: Eu acho que tem que ter um atendimento específico, pessoas que falam o mesmo idioma, que tenham um jeito para lidar com um novo público, digamos assim. Eles estão ali, que são pessoas que estão precisando, são pessoas, se for olhar para o lado humano, o lado bem ser humano, são pessoas que são realmente necessitadas, que precisam mesmo de atenção, apoio, porque já não tem isso em casa. Muitas já são jogadas, são expulsas de casa, muitas tem que ir para a prostituição e a prostituição é aquela confusão, ali ela está sujeita a fazer qualquer tipo de coisa e fora a violência que tem já na parte de romance, arranja um companheiro também que às vezes bate, às vezes espanca, quer dizer, então são pessoas muito fragilizadas. Aí passa num lugar desses achando que vai lá cuidar da sua saúde, que vai ter um respaldo legal, chega lá encontra o que? Um médico, formado com um enfermeiro, ou seja, lá quem for, todo de branquinho fazendo graça, fazendo por meio de estripolia... A questão mesmo é que tem que melhorar o atendimento.

Sellen:

[...] eu já falei de cara que o atendimento pra transexuais e travestis são péssimos. E porque você acha que é péssimo? Porque qualquer hospital que eu passo acontece isso, ninguém me respeita.

[...] não tem atendimento, não tem respeito, você sabe que eu sou transexual, aí você pede pra eu assinar qualquer coisa ali, aí eu te dou, você viu o nome, viu uma mulher, você não é uma pessoa burra, estudou pra isso, então, as pessoas, médicos, enfermeiro, tudo bem, é porque é travesti, gente?

Vale salientar que o aspecto mais ressaltado não é o que é oferecido, mas como é oferecido. Isso envolve a qualidade do tratamento.

[...] um aprendizado para essas pessoas se adaptarem, porque eles fingem que não sabem, fingem que não entende, finge que não conhece. .na unidades do SUS, colocar um cartaz grande, cartaz na sala dos médicos, cartaz na sala das enfermeiras. chefe de enfermagem, cartaz para elas lerem, todas sabem ler, né? Ué, o que é isso aqui? Transexual, travestis... são gêneros diferentes, identidades diferentes tem que ser respeitados como pessoas normais, e elas não são diferentes, são pessoas normais, exigem respeito, então respeito... não é opção, é condição sexual das pessoas, mas explicito... porque tem gente que não sabe o que é trans... porque você vai na unidade... é porque eu sou trans, trans o que? Genérico? Tem gente que não sabe... então eu vou esmurrar a cara da mulher que não sabe? Não posso.

Toda essa narrativa aponta para desconhecimento das questões que envolvem a sexualidade e suas especificações e há a necessidade de ações de sensibilização desses profissionais e os órgãos os quais estão inseridos que tenham um trabalho ético, competente e respeito à identidade de cada indivíduo que usa o serviço.

Na Carta dos Direitos dos Usuários de Saúde³, afirma-se que o/a usuário/a tem direito a um atendimento sem nenhum preconceito de raça, cor, idade, orientação sexual, identidade de gênero, estado de saúde ou nível social.

Quem está cuidando de você, deve respeitar seu corpo, sua intimidade, sua cultura e religião, seus segredos, suas emoções e sua segurança.

A partir das leituras, dos depoimentos, das análises, podemos concluir que as travestis tem, a despeito dos prejuízos reais que acumulam, protagonizado sua história. Mesmo com uma sociedade estigmatizadora e preconceituosa, elas tem lutado. Apesar de uma aparente invisibilidade, as travestis estão no meio social, procurando ocupar seus espaços, indo além da perspectiva de que só a vida noturna e seus guetos são condizentes com a sua condição. Um dos caminhos encontrados por elas tem sido a organização de grupos atuantes em movimentos sociais, ampliando suas possibilidades de inserção e de debate político sobre sua condição na sociedade.

Eu espero que muitas e muitas pessoas escutem essa mensagem minha e tenham mais respeito com a gente, transexuais, travestis, gays e vejam a gente com outros olhos, não com olhos de pessoas que só querem sexo, pessoas que só cheiram a sexo... não, a gente trabalha, a gente lava banheiro, a gente não é aleijada, a gente vai pro banco, a gente vai fazer compras, eu tenho minha cadernetinha no banco que não é muito, mas tenho... então, eu sou uma pessoa normal. (Sellen)

É interessante ressaltar que a última definição que dá de pessoa normal reforça seu caráter de trabalhadora e consumidora. Essa relação está associada ao termo cidadão-consumidor, são pessoas que passam a ser vistas como cidadãs desde que tenham dinheiro para adquirir mercadorias e utilizar serviços, por exemplo, comprar um tênis de uma determinada marca ou utilizar um bom seguro

³ Carta dos Direitos dos Usuários de Saúde, é um documento que baseia-se em seis princípios básicos de cidadania. Juntos, eles asseguram ao cidadão o direito básico ao ingresso digno nos sistemas de saúde, sejam eles públicos ou privados.

saúde. Nesse sentido, prevalece a concepção do cidadão-consumidor sinalizada por Mota (1995).

A única mensagem que eu digo, não só para as travestis, mas pra todo mundo em geral, que venha a sofrer algum tipo de agressão, que seja verbal ou agressiva, que a única coisa que eu tenho a dizer é o seguinte: - “o mal prevalece em parte porque as pessoas de bem se calam”. É só isso. Porque as pessoas de bem se calando, vão fazendo por onde acontecer, o mal sempre vai ficar, sempre vai disseminar, sempre vai prevalecer, entendeu? Se eu fizer a minha parte, gritar: - “não, vamos lá”. Vou dar parte, vai acontecer isso, vou procurar as pessoas legais para resolver isso, esse mal rapidinho vai acabando, porque vai chegar um momento em que as pessoas não vão mais conseguir fazer maldade, poxa, eu vou fazer maldade, mas sempre tem alguma coisa pra resolver, então chega. Vou parar por aí, então essa é a mensagem, a mensagem simplesmente é essa. Para que o mal prevaleça, basta que as pessoas de bem se calem (Giselle).

Essa narrativa aponta para uma esfera pública diferenciada, movida pela preocupação ativa de todos com os direitos humanos.

Bem, eu acho que todo mundo tem o direito de ser feliz... apesar de ser uma transexual, mas nós também temos o desejo e a vontade de buscar a nossa felicidade e de exercer os nossos direitos como cidadãos comuns, não somos diferentes por termos nome de transexual, então não somos melhores que ninguém. Acho que aprendemos no nosso dia-a-dia a conviver e a superar tudo na nossa vida e eu só queria que olhasse um pouco mais pra esse lado da cirurgia, porque é muito importante para cada uma. É isso... Eu acho que o maior objetivo da cirurgia é fazer com que as pessoas se sintam mais felizes. Só isso. (Renata)

É comum que as transexuais depositem suas expectativas no andamento do processo transexualizador, hoje marcado por graves problemas de gestão ainda em todo o país.

Vale destacar dois aspectos em relação a expectativa da cirurgia de transgenitalização e os órgãos, programas e profissionais envolvidos nessa questão: a aposta na cirurgia como via da cidadania e as dificuldades dos programas ligados ao processo transexualizador, bem como voltar a questão da ausência do processo travestilizador.